

exterior, ou nas colunas simétricas que ostentam a Vénus de Milo espelhada e o urso de peluche. (Até 23)

#### ■ TOMÁS MAIA

Boqueirão da Praia da Galé 5

O lugar é de instalações, que reinventam sucessivamente o próprio espaço físico utilizado, antigo armazém ou depósito arruinado — distinguindo a instalação como uma situação ou ambiente, e não como disposição de objectos. T.M. montou um dispositivo de projecção, controlando os focos de luz (eléctrica) sobre duas chamas de vela e, depois, as suas imagens projectadas, as sombras e os reflexos, que se prolongam até ao exterior. Não se entenderão facilmente as regras de funcionamento desse dispositivo, nem essa informação diminuirá a estranheza dos fenómenos da luz a que se assiste. O efeito produzido, a adequação ao lugar (enquanto desce a noite), o destino efémero, ou a eficácia virtual do projecto noutros contextos e escalas, são impressões que marcam. (Sáb., 18h30-20h30, último dia)

ALEXANDRE POMAR

#### ■ CATARINA LEITÃO

Arte Periférica/CCB

Quatro séries compõem a exposição «Acerca da Soli-



Xana, desenho da exposição «Cometas?»

dão dos Objectos». Duas delas são dominadas pela cor negra do papel que as envolve, as restantes emolduradas sobre um fundo translúcido (pasta de papel, acrílico, cera de abelhas). Em qualquer dos casos se reconhecem (ou apenas se entrevêem) peque-

nos objectos identificáveis (um avião, um pente, um cachimbo, figuras semelhantes às rupestres) ou formas abstractas. O espectador é mantido a uma prudente distância por um dispositivo que lhe permite apenas seguir a verosimilhança dos objectos,

mas nunca apoderar-se da sua «aura». O acto de ver torna-se uma operação instável conduzida mais pela intuição que pelo olhar, sujeita a um jogo de ocultação/revelação que se reforça, nuns casos, pela textura dos materiais, noutros, pelo efeito de contraluz. O resultado é tanto mais interessante quanto se optou pela exploração objectual em detrimento do ilusionismo bidimensional do desenho ou da pintura para produzir este mesmo efeito. (Até dia 20)

#### ■ RUI LOBATO

Novo Século

Parte literalmente de baixo a última exposição de R.L. — os pés (ou a marca deles) como sinal de percurso e valorização da caminhada dominam este conjunto de pinturas e um vídeo a que se deu o nome genérico de «Fast Feverish Footprints and a Corpse». O pé que pisa, o pé que impulsiona, o pé como marca de quem já esteve e se foi para outro lado, ou simplesmente o pé mostrado «fora do sapato», habitam uma pintura saturada de marcas e pegadas, que pretende ser apenas lugar transitório de uma mais ampla dimensão do ofício de viver. E se essa é a sua maior condicionante em termos plásticos (é notório o reduzido empenho colocado na execução técnica), esse sentido de transito-

riedade não deixa de ser, igualmente, o denominador essencial de todo o programa. (Até 5)

#### ■ XANA

Gal. Hugo Lapa

Na exposição inaugural da Galeria Hugo Lapa, recém-criada no CCB — e correspondendo ao propósito de consolidação histórica do trabalho de algumas figuras que fizeram o seu percurso a partir dos anos 80 —, mostra-se a série de desenhos, pinturas e esculturas («Cometas?») que Xana realizou em 1983/1984. São obras em que o sentido lúdico da fruição visual predomina, em consonância com o espírito que animará o grupo Homeostético (Xana, Pedro Portugal, Pedro Proença, Ivo, entre outros). Cometas, vulcões, aviões, coisas e manifestações telúricas em movimento, que permitem modelações de tonalidades diversificadas e um sentido feérico da cor. Um trabalho que se constrói em torno da alegria e do divertimento criativo, como acontece, de resto, nas instalações e intervenções públicas do artista. (Até 15)

CELSE MARTINS

#### INAUGURAÇÕES

AGNETA ÖHRSTRÖM, Museu Botânico: «12 objec-